

## Índice

Tove	11
Gaute	55
Helge	107
Line	131
Jarle	159
Mapa do Cérebro	179
Geir	215
Line	275
Ramsvik	335
Syvert	341
Tove	381
<i>Terceiro Dia</i>	
Kathrine	429
Tove	467



Tove



Dizem que a depressão é raiva cristalizada. Eu, porém, imagino-a como um ogre petrificado. Uma criatura — furiosa, perigosa — das trevas e do inacabado que a luz do dia transforma em algo imóvel e sem vida.

A mania, penso eu, é como nos esquecermos de nós próprios, tal como nos esquecemos de uma panela ao lume.

A psicose surge quando a mania se esgota, quando só resta o confronto com a realidade (e não há nada que a mania tema mais do que a realidade). A psicose é, portanto, uma possibilidade. A psicose é como uma das três portas dos contos de fadas: a porta que não se deve abrir de maneira nenhuma. Não se pode abri-la, ponto final. Todos o sabem. E, no entanto, acaba sempre por ser aberta. Quando tens, de um lado, o nada, e do outro alguma coisa, seja ela o que for, experimentas primeiro a coisa.

Os contos populares.

Os ogres, as três portas, a floresta. A floresta onde os animais conseguem falar e os homens se tornam animais. A floresta pejada de bruxas, camponeses, reis, cavernas e salões subterrâneos, cepos de árvores, princesas que ninguém consegue enfeitiçar, madrastas e mulheres pobres, pastagens de montanha e cumes azulados e rochosos.

Já em pequena pressentia que os contos populares escondiam qualquer coisa. E que os seus segredos estavam prenhes de significado. Mais tarde, haveria de ler Jung e a sua teoria dos arquétipos e do inconsciente coletivo, mas não fora *isso* que eu sentira ao ler os contos;

fora outra coisa. Com base na leitura das obras de Jung, concluí que eu correspondia ao arquétipo do mago e o Arne ao do órfão (apesar de ele ter tido uma boa relação com o pai até este morrer, e de continuar a dar-se bem com a mãe), e que os símbolos são universais e poderosos. De resto, não retirei nada.

O mago é aquele que transforma. O mago é um revolucionário. O órfão é aquele que precisa de algo. O órfão é um manipulador.

O inferno não é a psicose. O inferno é sair da psicose. Isso, sim, é o inferno na terra. Nada do que pensaste, viste ou sentiste era real. E pensaste, viste e sentiste com todo o teu ser. Mas não é só isso. Agora, de repente, fitam-te: o teu marido, os teus filhos. Lançam-te olhares de súplica ou de raiva, não sei o que é pior.

É então que surgem as lágrimas. A tristeza sem limites.

Mas o que causa esta minha tristeza?

Eu própria e a minha insuficiência.

Ninguém quer ter uma mãe louca. E nenhuma mãe quer endoidecer diante dos filhos.

— Já estás normal? — perguntou-me o Heming quando me foram visitar.

O que podia eu fazer senão acenar com a cabeça, chorar e apertar contra mim o seu corpo relutante?

Chegámos à casa de férias já de noite, depois de um dia inteiro no carro. O Heming, o Asle e a Ingvild estavam no banco de trás, e pareciam mais ou menos paralisados pela monotonia. O Arne, por seu lado, mostrara-se entusiasmado nas últimas horas, pois estava de volta à paisagem da sua infância. Desligou o motor e virou-se para os miúdos com um sorriso.

— Oito horas e dois minutos — disse ele. — Treze minutos a menos que no ano passado!

— Nada mau — disse a Ingvild, retribuindo-lhe o sorriso.

Os gémeos não esboçaram qualquer reação.

— Levem as vossas coisas para dentro — disse o Arne. — E levem-nas já, para isto ficar despachado. Ingvild, levas tu a gata, está bem?

— As portas estão com o bloqueio de segurança — disse o Heming.

— Sim, sim, já as destranco — respondeu o Arne.

Eu e a Ingvild entreolhámo-nos e ela sorriu-me tal como sorrira ao Arne. Depois pegou na transportadora com a gata, que levava ao colo durante toda a viagem, pousou-a a seu lado, e tirou o cinto de segurança, enquanto os rapazes saíam pela outra porta.

Era demasiado gentil.

— Podes marimbar-te mais para as coisas, sabias? — disse-lhe eu.

— Eu sei — respondeu ela com outro sorriso. Mas dessa vez fê-lo com um olhar sombrio. Tinha muito negrume dentro dela.

Teria noção disso?

Tirei do porta-luvas o isqueiro e o maço de cigarros, e acendi um junto ao carro. Os outros tinham, entretanto, posto as mochilas às costas, pegado em malas, e desaparecido de vista.

Cheirava a maresia. E ouvia-se um sussurro na enseada. Um marulho regular e suave, como se alguém estivesse a dormir lá em baixo.

Chhhheeee-che. Chhhheeee-che.

O céu cinzento-esbranquiçado. O relvado cinzento-escuro. As árvores e os arbustos negros.

Depois, alguém acendeu o candeeiro do pátio e a sua luz tingiu a relva de um verde artificial.

— Um cigarrinho agora deve saber pela vida, hã? — disse o Arne quando voltou atrás para ir buscar mais coisas.

— Pois sabe — respondi. — Queres um?

— Ah, ah — disse ele antes de pôr um malão às costas, pegar nos sacos com a comida que compráramos no supermercado junto à ponte, e dobrar de novo a esquina.

Os vizinhos que tinham uns rottweilers estavam em casa, viam-se luzes acesas atrás de mim.

Provavelmente já estavam todos por ali, dado que o período oficial de férias começara poucos dias atrás.

Atirei a beata para a gravilha e levei uma mala para dentro. Pelo caminho, cruzei-me com o Arne. Abanou a cabeça para a frente e para trás duas ou três vezes, como era seu hábito quando ouvia música de que gostava muito.

— Estás a dançar para mim? — perguntei.

Inclinou-se em frente e beijou-me.

— É bom estar de volta — disse ele. — Não achas?

— Acho, pois.

— Vou abrir um vinho.

— Temos vinho?

— Temos, temos. Ainda há montes de garrafas do ano passado. A não ser que o Egil as tenha bebido todas. Mas duvido. O nosso vinho não é bom que chegue para ele!

Lá dentro, o Heming e o Asle andavam de divisão em divisão. Como não fâmos lá havia bastante tempo, a casa de férias parecia-lhes quase uma novidade. Não sabia da Ingvild; devia estar no quarto, com a gata. Arrastei a mala até ao andar de cima e depois fui para o jardim. Caminhei até à escarpa íngreme defronte da enseada, acendi um cigarro, e tentei sintonizar-me com a paisagem, existir em simultâneo com ela. Existir no momento.

A noite de verão. A luz acinzentada com um ligeiro tom azulado. O brilho das luzes das casas de veraneio em contraste com o céu escuro.



— E que tal sentarmo-nos cá fora? — gritou, da porta, o Arne. — Mais vale ir já buscar os móveis de jardim.

Sem esperar pela minha resposta, atravessou o pátio e destrancou a porta do anexo, reaparecendo pouco depois com uma cadeira em cada mão. Pô-las às duas na relva, debaixo da macieira.

— Precisas de ajuda com a mesa?

— Não. Mas se calhar podias ir buscar o vinho e dois copos.

Com a garrafa de vinho entre os joelhos, tentava tirar-lhe a rolha teimosa quando o Asle entrou na cozinha.

— Temos fome — disse ele. — O jantar ainda vai demorar?

— O que é que queres comer?

— Tacos.

— Parece-me bem — respondi. — É fácil de fazer e não demora muito.

— Não pode ser o pai a fazer?

— Claro que pode — disse eu, voltando a concentrar-me na rolha, que finalmente cedeu.

Quando o Asle já se encaminhava para a sala, elevei a voz e perguntei:

— Mas porque queres que seja ele a fazer os tacos?

Virou-se para mim e encolheu os ombros.

— A carne picada fica mais suculenta quando é ele a cozinhar.

— Ah, é? — disse eu, pegando nos copos com uma mão e na garrafa com a outra. Depois saí. O Arne já não estava lá fora. Sentei-me e acendi um cigarro, e então reparei que só me restavam três.

Teria de me deitar cedo. Assim, não haveria problema.

Ouvi a porta do anexo fechar-se atrás de mim e o Arne apareceu com um candeeiro a petróleo na mão.

— Emprestas-me o isqueiro? — perguntou.

Quando pousou o candeeiro na mesa, a luz amarela derramou-se sobre o cinzento do ar e preencheu-o, como se a tivessem vertido para dentro de uma taça. Encheu os dois copos e ergueu o dele na minha direção.

— Um brinde, Tove.

— A quê?

— A nós. Ao verão. Ao facto de estarmos aqui.

— À nossa.

— Vá lá... — instou. — De certeza que consegues mostrar um bocadinho mais de entusiasmo.

— Estou cansada. Foi uma viagem longa.

— Fui eu que conduzi.

— Pois foste.

Suspirou e fez-se silêncio. Por instantes, ouviu-se apenas o murmúrio do mar.

— Gosto da luz daqui — disse eu pouco depois.

— É claro que gostas. És pintora.

— Sempre gostei da luz dos candeeiros quando ainda não está propriamente escuro. A meio do dia ou ao crepúsculo.

— Lá está: és pintora.

— Mas eu já gostava dessa luz antes de começar a pintar. Lembro-me de pensar nisso em miúda.

— És uma mulher do romantismo. Ou, melhor, do neorromantismo. Eles é que adoravam pintar noites de verão e entardeceres. Tinham mística, percebes? O quadro mais conhecido de Oda Krohg representa um candeeiro de papel aceso numa noite estival. E o de Richard Berg é o *Noite de Verão Nórdica*. Parece-me ser o mesmo fascínio.

— Talvez seja.

— Não que sejas propriamente uma romântica, pensando bem.

— Ai não? Então sou o quê?

— Tu? Talvez uma neossimbolista? Uma pós-mitologista?

— Lá está, é essa a grande diferença entre nós. Tu categorizas. Eu descategorizo.

— Sim, é o que costumavas dizer, é.

— E não há mal nenhum em categorizar.

Ele sorriu ligeiramente de olhos postos no mar.

— No fim de contas, é isso que nos paga as contas — disse ele.

— Pai? — gritou um dos rapazes algures atrás de nós.

Era o Asle.

— Sim? — respondeu o Arne.

— Já podes fazer os tacos?

— Espera só mais dois minutos.

— Temos mesmo muita fome.

— O pai já vai — disse eu. — Volta lá para dentro.

Obedeceu. O Arne voltou a encher o copo.

— Este ano podemos tentar ter umas férias decentes? — disse ele.

— Sim.

— Talvez nos pudéssemos esforçar os dois um bocadinho.

— Sim.